



EIXO 3 - TRABALHO, MOBILIDADE E RELAÇÃO CAMPO-CIDADE

**INDUSTRIALIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM VITÓRIA DA
CONQUISTA-BA¹**

Pedro Saulo Nascimento Mascarenhas²
pedro.sauloo@hotmail.com

Dayse Maria Souza³
dayse_mra@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de industrialização e a precarização do trabalho na cidade de Vitória da Conquista – BA. Em primeiro momento será desenvolvida uma reflexão a fim de compreender os aspectos históricos de constituição da cidade, tendo papel significativo a produção de café acompanhado do processo de modernização do campo, atrelada a concentração de terras e a expulsão de camponeses do campo. Em um segundo momento, será abordado o processo de industrialização iniciado na década de 1972 com a instalação do centro industrial dos Imborés, focando posteriormente a política de interiorização industrial da Bahia desenvolvida pelo Estado com destaque para indústria de calçados na cidade e em outras localidades do interior da Bahia. Por fim, será analisado o processo de precarização do trabalho em plena crise estrutural do capital, e como esta realidade se estabelece na indústria pesquisada.

Palavras-chave: Industrialização; Trabalho; Precarização.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte da pesquisa de conclusão de curso que teve como objetivo analisar a precarização do trabalho na Indústria calçadista de Vitória da Conquista –Ba. Assim foi possível observar que o processo de introdução das relações capitalistas de produção na cidade, vem acompanhado com o seu aparato tecnológico no campo, gerando desemprego e concentração de terras. Produzindo uma situação favorável à vinda de

¹ O presente artigo faz parte das discussões apresentadas no trabalho de monografia defendido no ano de 2015 do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob orientação da Prof^ª. Dr.^ª. Dayse Maria Souza.

² Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Bolsista da Iniciação Científica UESB/ Voluntário, vinculado à pesquisa “Luta pelo trabalho na periferia urbana de Vitória da Conquista: mobilidade, permanência camponesa e reprodução da vida nas contradições do urbano”.

³ Professora Doutora do Departamento de Geografia - UESB/Campus de Vitória da Conquista. Membro do Grupo de Pesquisa, Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais <http://estadocapitaltrabalho.wordpress.com/> e do Grupo de Pesquisa Trabalho, Mobilidade do Trabalho e Relação Campo- Cidade.

indústrias de regiões centrais tanto da Bahia como de outros Estados, como é o caso da DASS, que tem sua origem no Rio Grande do Sul. Tal processo de alteração das relações no campo e as políticas desenvolvimentistas como o foco no crescimento industrial do Estado Baiano são produtos de uma crise do sistema capitalista de produção, que começa na década de 1960.

Para compreendermos este processo, será abordada uma breve leitura de como se estabelece a industrialização da cidade iniciado na década de 1972 e posteriormente fortalecida com a política de interiorização industrial da Bahia desenvolvida pelo Estado com destaque para indústria de calçados. O objetivo é analisar, como em plena crise estrutural do capital, se dá o processo de precarização do trabalho na indústria de calçados pesquisada.

O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista – BA (PMVC), seu território atual foi habitado primeiramente por povos indígenas, como os Mongoyós, Ymborés e Pataxós. As aldeias se concentravam do rio Pardo até o rio de Contas. Cada uma das tribos citadas possuíam sua própria língua e rituais religiosos. Esses povos viviam da caça e da pesca, com divisão do trabalho por gênero, com destaque para os Mongoyós que tinham uma produção artesanal.

A vinda dos colonizadores portugueses e mestiços para a região de Vitória da Conquista, também conhecida como sertão da ressaca¹, teve por principal motivação a busca por metais preciosos, principalmente o ouro, assim como o objetivo de ocupação do território. João Gonçalves da Costa, desbravador lusitano, foi responsável por dizimar inúmeras aldeias indígenas. (PMVC, 2014).

No final do século XVIII, o arraial da conquista se resumia a uma igreja e algumas casas, com uma grande biodiversidade ainda presente. Essa paisagem começa a ser alterada com a chegada dos primeiros rebanhos bovinos, e a derrubada das matas para dar lugar aos pastos. O arraial fica caracterizado como área onde transitam o gado de Minas Gerais para o Litoral. (PMVC, 2014)

Nessa época, além do gado, se produzia algodão, óleo de copaíba, e alimentos de subsistência aos moradores. Os escravos negros foram a principal mão-de-obra para as

lavouras e para cuidar do gado. Com isso deixando heranças, como dez quilombos remanescentes. (PMVC, 2014)

É nos anos 1940 que a cidade passa a se chamar Vitória da Conquista. É importante destacar também a criação da Avenida Brumado, que liga Ilhéus a Bom Jesus da Lapa. Em 1963 é inaugurada a Avenida Rio-Bahia, impulsionando o crescimento da cidade, e com isso reforça a posição de conquista na região. Vitória da Conquista recebe com essas duas rodovias, um grande contingente de outras regiões. Ferraz destaca que o crescimento urbano ocorre no entorno dessas rodovias:

Outra característica importante, nesse contexto do crescimento urbano, é o fato de a cidade se expandir nas proximidades das rodovias que fazem entroncamento no seu território. Nos seus arredores, são implantados loteamentos e bairros, como o Bairro Brasil, criados a partir da abertura da BR 116. Atualmente, parte das rodovias, que se encontram dentro da cidade, foram transformadas em avenidas, a exemplo da Av. Brumado (BA 262) e da Av. Juraci Magalhães (BA415). (FERRAZ, 2001, p.32).

Segundo Souza (2008), entre 1944 e 1953 a expansão urbana concentrou-se ao longo da BR-116, a Rio-Bahia, envolvendo também a ligação com a rodovia 262 (Conquista – Brumado). O crescimento urbano é intensificado na década de 1960, quando espaços antes vazios passam a ser preenchidos, tal crescimento se acentua a partir do ano de 1972, com a implantação do polo cafeeiro, quando uma grande quantidade de trabalhadores camponeses é dispensada, ou expropriada de suas terras no campo.

Esse processo de produção do café acabou gerando uma monopolização das áreas de cultivo, onde os grandes proprietários compravam as terras dos pequenos, e quando esses pequenos produtores não tinham a propriedade, eram expropriados. Liberando esse contingente de pessoas para as cidades, sendo contratados apenas nos períodos de cultivo e colheita. Assim é mostrado em documentário, apresentado no III Congresso da Central Única dos Trabalhadores (CUT), regional do Sudoeste da Bahia:

A introdução da lavoura cafeeira, em Vitória da Conquista, Barra do Choça, Encruzilhada, etc., trouxe sérias transformações: Antigos pequenos proprietários, posseiros e “agregados” [ou simples “moradores” da fazenda], que antes se ocupavam com lavoura de subsistência, produzindo em regime familiar, foram desalojados da terra: pela compra de suas propriedades ou posses, pela expulsão, pela exigência que o comprador fazia ao vendedor de uma “fazenda” tradicional de receber a propriedade “livre e desocupada de moradores, agregados ou trabalhadores”. A consequência é que muitos trabalhadores deixaram de produzir para si mesmos, com as suas famílias, foram expulsos da terra, e passaram a trabalhar para o “fazendeiro de café”. (FERRAZ; SILVA; PIRES; SOUZA *apud* FERRAZ, 2001, p. 33-34).

Souza (2008) nos mostra como o avanço do capitalismo no campo no Sudoeste da Bahia gerou a greve dos camponeses e assalariados, devido às profundas mudanças nas relações de trabalho frente ao novo “modelo de desenvolvimento” imposto pelo Estado. Com a introdução do maquinário moderno, substituiu uma enorme quantidade de trabalhadores, o que desvalorizou a força de trabalho desses, e com isso reduzindo as condições materiais deles. “Assim, grande parte dos trabalhadores assalariados cedeu lugar aos trabalhadores de tipo volantes, temporários, onde a figura do boia-fria ganha visibilidade, espelhando a degradação das condições objetivas (...)”. (SOUZA, 2008, p.436)

Para Souza (2008), a modernidade que chega ao Sudoeste da Bahia, acompanhada de inovação tecnológica, é parte de uma estratégia global, que busca flexibilizar toda forma de trabalho. Em uma perspectiva de totalidade, conclui-se que, esses trabalhadores não são flexibilizados e precarizados apenas no campo, mas vão para a cidade, buscando alternativas de sobrevivência, com isso o trabalho na cidade é também desvalorizado.

Ferraz (2001) analisando o período da década de 1960 até 1980, aponta que ocorre um processo de modernização do campo em Vitória da Conquista, fato que vai gerar um processo de migração do campo para o espaço urbano. Nesse sentido, outras cidades do Brasil presenciam o mesmo processo:

O processo de modernização agrícola provocou uma forte concentração da terra, expulsando enorme contingente populacional do campo para a cidade. Estima-se que cerca de 30 milhões de pessoas deixaram a área rural em busca de áreas urbanas entre 1960-1980. (BAENINGER *apud* FERRAZ, 2001, p.35).

Podemos observar a partir de Tabela 1 que a população de Vitória da Conquista até a década de 1950, era composta em sua maioria por uma população rural, com uma porcentagem de 58,4 %. Porém a partir da década de 1960, a população urbana consegue ultrapassar a população rural, com o percentual de 60,7%. Os fatores responsáveis por essa virada da população foram como vimos, devido à modernização do campo, e questões relativas às leis trabalhistas, processo esse impulsionado pela crise global. A partir da década de 1960 então, a população urbana só vem crescendo, via o a migração do campo para a cidade, aumentando o exército industrial dessa.

Tabela 1 – Crescimento populacional de Vitória da Conquista de 1940 a 1996

Ano	População Rural	%	População Urbana	%	Total
1940	24.910	74,3	8.644	25,7	33.554
1950	26.993	58,4	19.463	41,6	46.459
1960	31.401	39,3	48.712	60,7	80.113
1970	41.569	32,5	85.959	67,5	127.528
1980	43.245	25,3	127.652	74,7	170.897
1991	36.740	16,3	188.351	83,7	225.091
1996	37.860	15,6	204.295	84,4	242.255
2000	37.155	14,1	225.430	85,9	262.585

Fonte: Censo Demográfico – IBGE – 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 1996,2000; Contagem Populacional – IBGE – 1996. (FERRAZ, 2001, p.37)

Ainda em 1980, Vitória da Conquista altera sua configuração econômica e social, devido à crise do café, é realçada a importância dessa cidade como pólo de serviços. Em paralelo a expansão cafeeira, se desenvolve na atividade industrial, com a criação do Centro Industrial dos Imborés, em 1975. A partir de 1990, os setores de mármore, óleo vegetal, produtos de limpeza e estofados entram em expansão. (PMVC, 2014)

A INDÚSTRIA DE CALÇADOS EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

De acordo com Almeida (2013), a ampliação da atividade industrial em Vitória da Conquista ocorre a partir de 2000, devido à nova política de reorganização industrial, com o objetivo de desconcentrar essa atividade do recôncavo baiano. Da mesma maneira, ocorre a instalação de indústrias do setor calçadista na cidade, como o grupo Dass, Dilly Nordeste, Umbro, Kappa, entre outras, processo que também ocorre em outras cidades do interior baiano. Para garantir o suporte dessas políticas o governo Federal contribuirá com a liberação de crédito via Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), além de benefícios fiscais via Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE.

A partir do ano de 2000 ocorre um crescimento da atividade industrial em Vitória da Conquista – BA. Observamos que essa política é impulsionada via política do Estado Baiano, a fim de desconcentrar a atividade industrial do Recôncavo e da Região Metropolitana de Salvador (RMS). Nesse período é que a Dilly Nordeste vai se instalar em Vitória da Conquista, Itaberaba e Santo Estevão. O mesmo processo irá ocorrer no Litoral Sul, Itabuna e Ilhéus, atraindo empresas de calçados e confecções. Como afirma Souza (2011):

Os investimentos industriais nos dois polos de desenvolvimento regional da região do Litoral Sul, Itabuna e Ilhéus – se caracterizam respectivamente, na presença de setores do ramo de Calçados e Confecções. Em Ilhéus, além do polo de confecções, é predominante o Polo de Informática, que surge em 1995 em parceria com o projeto PROBAHIA⁴. (SOUZA, 2011, p. 162).

Esse processo de descentralização das indústrias nas regiões centrais, não ocorre apenas na escala estadual, nem apenas federal, mas ocorre a nível mundial, tendo em vista os efeitos da crise estrutural da década de 1970.

Esse processo de mudanças, se origina a partir da década de 1970 com a crise estrutural do capital no ‘centro dinâmico do sistema mundial do capital’ é sentido no Brasil desde a década de 1980, Restrito às grandes empresas industriais e ampliado a partir da década de 1990 para vários setores e atividades econômicas. (ALMEIDA, 2012, p.5).

Segundo Almeida (2012) *apud* Benko (1999), o processo de desconcentração industrial no âmbito mundial, está baseado na tendência de (re) localização industrial em decorrência de novas tecnologias e novas condições político-econômicas, onde do ponto de vista territorial, essa (re) localização pode se voltar para regiões de produção industrial já existente, porém, os investimentos de capitais têm se voltado para regiões mais pobres, onde se encontra exército de reserva estratégico.

Podemos observar que, para a instalação das indústrias calçadistas no interior da Bahia, situação ideal para se instalar essas indústrias, com mão-de-obra barata, incentivos fiscais, créditos e infraestrutura.

Esse processo é evidenciado no plano mais geral da reprodução ampliada do capital, em que se evidencia um processo de internacionalização do sistema capitalista, alterando seu processo de desenvolvimento através de inovações tecnológicas, e novas formas de organização e financeirização da economia, uma reestruturação no modelo industrial de produzir, assim como nas relações de trabalho, além de constituir o mapeamento de novos espaços de acumulação mundial, necessário ao capitalismo em crise. (SOUZA, 2011, p. 164).

Em busca de sobreviver dentro da crise, gerada no mundo a partir da década de 1970, as empresas vêm buscando formar de gerar mais lucro, através trabalhadores mais baratos que aceitem trabalhos mais pesados, assim como incentivos fiscais, podendo assim baratear suas mercadorias. Nesse sentido, a reestruturação como coloca Souza (2011), vem

⁴ Segundo Uderman (2007), o PROBAHIA, instituído em 1991, “previa o financiamento à implantação e ampliação de indústrias, fixando limites equivalentes aos percentuais da arrecadação total do ICMS a ser recolhido pelo beneficiário, conforme localização do empreendimento e o grau de importância atribuído ao projeto” (SOUZA, 2011).

a ser a alternativa para que essas empresas tenham condição de disputar no mercado internacional, e garantir seus lucros. Assim as empresas necessitam se deslocar no mundo, de regiões centrais para regiões periféricas. A Tabela 2 nos mostra o salário médio mensal, pago aos trabalhadores em diferentes países no mundo, com isso vemos como é mais vantajoso se deslocar para países periféricos.

Tabela 2 – Salários médios mensais pagos aos trabalhadores da indústria de calçados (Países)

País	Salário médio Mensal (US\$)
Alemanha	1000
França	800
Espanha	600
Taiwan	550
Coréia do Sul	500
Portugal	400
Argentina	160
México	140
Brasil	130
China	100

Fonte: Mendonça (2010) a partir de dados de Sodré (2007)

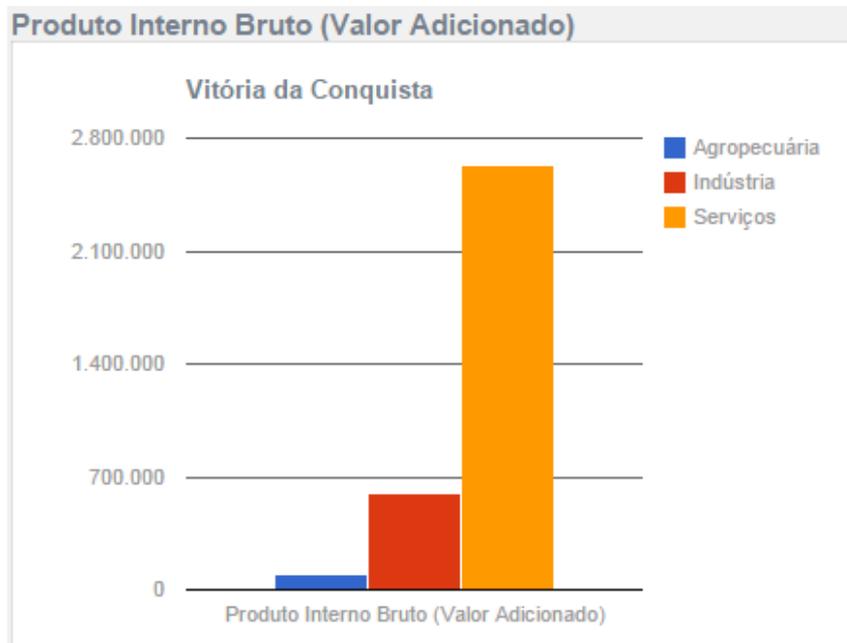
Podemos observar a partir da tabela 4, que representa os salários médios mensais pagos aos trabalhadores da indústria de calçados em alguns países, que existem diferenças salariais no que é pago aos trabalhadores de calçados. Essa diferença não ocorre apenas no setor de calçados, mas reflete a desigualdade política e econômica entre os países, onde os países mais desenvolvidos, como Alemanha, França e Espanha, apresentam os maiores salários. O Brasil se encontra na penúltima posição, perdendo apenas para a China. Com isso China por apresentar mão-de-obra muito barata tem se tornando bastante atrativo para a localização de indústrias.

Segundo Souza (2011) *apud* Reis (1994), o deslocamento de indústrias de calçados para o Nordeste faz parte de uma política voltada para garantir maior produtividade, tendo essas empresas de calçados concentradas na Região Sul, maior competitividade no mercado, principalmente com o da China. Então, já podemos observar como as empresas têm sido atraídas por baixos salários, que tem se tornado fator determinante para a instalação dessas, a fim de competir no mercado mundial.

Alguns setores (por exemplo, têxteis, vestuário e calçados) começam a apresentar quedas sucessivas, na produção dos países desenvolvidos, e um dos fatores determinantes dessas mudanças dessas mudanças de localização passa a ser o menor custo salarial nos países em desenvolvimento, dada a grande participação da mão-de-obra na produção desses setores. (REIS *apud* SOUZA, 2011, p.167).

A cidade de Vitória da Conquista atualmente se destaca por ser polo de serviços, atraindo pessoas de cidades vizinhas, devido ao seu comércio forte e sua estratégica localização. Segundo dados do IBGE, depois da crise do café, a agropecuária se torna a terceira atividade mais importante, sendo a indústria a segunda mais importante. (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Divisão do PIB por setor em Vitória da Conquista - BA



Fonte: IBGE, 2014.

A cidade pode servir de exemplo das características da era toyotista, onde ocorre um aumento de trabalhadores na área de serviços e a redução de trabalhadores no campo e nas indústrias devido a implantação da tecnologia. É importante destacar que além os trabalhadores liberados do campo e da indústria, vão para a área de serviços, e os que não conseguem trabalho, ou ficam desempregado, ou vão para o trabalho informal, como camelôs e vendedores ambulantes.

RELAÇÕES DE TRABALHO E “PRECARIZAÇÃO” NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS

Como nos mostra Alves (2007) é da determinação estrutural do capital, a constituição sistêmica de processos de precarização do trabalho vivo, e com ele formas históricas de precariedade social. Para autor, a principal forma de precariedade social, é o sistema de trabalho assalariado, predominante na sociedade burguesa há séculos. Neste processo, homens e mulheres se tornaram proletários, pela expulsão de suas posses ou terras, perdendo com isso os meios de reproduzir sua vida material, sendo a venda da sua força de trabalho a saída para sua sobrevivência. Assim forma-se a base para a exploração da classe trabalhadora, tendo também se formando uma “superpopulação relativa totalmente à mercê do mercado (ou do que Polanyi caracterizou como sendo um moinho satânico, *grifo nosso*).”

Por outro lado, em seu desenvolvimento avassalador, o sócio-metabolismo do capital no Ocidente se impôs sobre outros padrões civilizatórios, promovendo-se a *colonização do mundo*, ou seja, em sua dimensão territorial, através do colonialismo, imperialismo ou globalização; seja em sua dimensão sistêmica, através da constituição de sociabilidades estranhadas e de relações sociais baseadas no poder e no dinheiro. Enfim, o capital como *relação social* tornou-se agente da *racionalização do mundo*, aparecendo como um processo social contraditório cujo cerne essencial caracterizou-se por um lado, pela constituição do *processo de precarização* como forma de desenvolvimento civilizatório e por outro lado, pela instauração da *precariedade social* como “condição humana”. (ALVES, 2007, p. 112).

O capital possui em sua natureza a necessidade de expandir e, o faz territorialmente, através da colonização do mundo. Difunde seu modo de reprodução com a sociabilidade estranhada; os indivíduos despossuídos dos meios de produção, não conseguem enxergar sua condição de exploração e estão submetidos ao poder da classe dominante. Assim a partir de Alves (2007) entendemos os conceitos de precariedade social, característica estrutural ao processo de precarização, esse que acontece com o desenvolvimento da acumulação capitalista.

No desenrolar da luta entre os entes antagônicos, capital e trabalho, surge no século XX o “Estado social”, como coloca Alves (2007), ou o “contrato social” por Antunes (2009), garantindo direitos sociais e políticos ao mundo do trabalho. Nesse período o capital concede ao mundo do trabalho leis trabalhistas favoráveis a sua condição de reprodução e seguridade social, constituindo assim barreiras no momento à acumulação do capital. “Por outro lado, o Estado social *ocultou* para os segmentos organizados da classe

trabalhadora a condição estrutural de precariedade do trabalho vivo no modo de produção capitalista” (ALVES, 2007, p.114).

A precarização possui um sentido de perda de direitos acumulados o decorrer de anos pelas mais diversas categorias de assalariados. A precarização é síntese concreta da luta de classes e da correlação de forças políticas entre capital e trabalho. É o conteúdo do Estado político da decadência histórica do capital. O Estado Neoliberal tende a suceder, sob determinadas condições históricas, o Estado social. (ALVES, 2007, p. 114).

Tendo em vista o processo de reestruturação produtiva no mundo, a partir da década de 1970 (a qual é sentida no Brasil por volta de 1990), traz diversas mudanças em todas as esferas da sociedade, na política, nas ações das empresas, nas ideologias, no modo de pensar e viver de todos que compõem a sociedade. Nesse sentido, os trabalhadores também são transformados, principalmente os da indústria, que são atingidos intensamente por essas transformações.

Como nos mostra Antunes (2009), o trabalhador no período fordista/taylorista é o operário massa, aquele que é concentrado dentro da fábrica, onde todas as partes do processo produtivo ocorrem dentro da mesma indústria em um mesmo espaço físico até o produto final, onde os sindicatos são fortes e conseguem mobilizar a maioria dos trabalhadores. Com isso o regime fordista/taylorista se tornou um problema para a burguesia, tendo em vista ainda a crise, a classe trabalhadora estava cada vez mais insatisfeita com as ofensivas do capital na produção, e com isso se organizava cada vez mais, ficando cada vez mais conscientizados de sua classe, e revoltados com sua condição.

Devido a todos esses problemas gerados pela crise, e pelo padrão produtivo e ideológico do regime de acumulação fordista/taylorista, a burguesia foi obrigada a mudar suas estratégias de dominação e produção, devido também à crise e a adaptação à concorrência gerada pelo mercado. Surge então a ascensão do modelo toyotista, e com isso a transformação de todas as relações sociais e econômicas, mas dentro da lógica capitalista do lucro e da propriedade privada.

Na indústria Dass, 61,8% dos trabalhadores entrevistados se declararam como multioperadores, o trabalhador passa a ter várias funções, e não apenas uma como no fordismo/taylorismo, deixa então de ser o apêndice da máquina, onde executava apenas uma função, se tornando essa muito entediante. Perdendo as suas forças anímicas como coloca Karl Marx em sua grande obra prima, *O Capital tomo I*, em que o trabalhador perde sua criatividade, e prazer pelo trabalho, quando esse se torna entediante.

Devido à crise de 1970, e a decadência do fordismo/taylorismo, um dos motivos da insatisfação dos trabalhadores como o seu trabalho era a repetição, e o tédio. Antunes (2009) nos mostra que a segunda geração de trabalhadores, não mais aceitava essa condição, mesmo como os benefícios que possuíam. Esse problema foi resolvido, quando o trabalhador passa a ter várias funções. Esse processo ocorre com os trabalhadores de calçados em Vitória da Conquista. Segundo as entrevistas realizadas os mesmos possuíam várias funções, eles se mostraram insatisfeitos com essa condição, pois realizam todas as atividades, além de terem que saber operar várias máquinas, organizando os seus setores e fazendo a limpeza do mesmo; caracterizando assim um trabalho flexível, sendo deslocado para qualquer função dentro do processo produtivo.

De acordo com entrevistas realizadas com os trabalhadores, observou-se que os mesmos possuem um salário mínimo, que é o mínimo para estes sobreviverem, e ainda são impostos a eles diversos descontos em seu salário, constatando nesse sentido o descaso, ou a mínima importância desses sujeitos que são os verdadeiros produtores de capital. A partir disso, podemos ver como é precária a situação desses trabalhadores. Segundo os questionários aplicados, apenas 36% dos trabalhadores entrevistados acham que seu salário garante saúde, alimentação, transporte e lazer.

- Trabalhei uma semana apenas, na indústria e desisti, pois sempre trabalhei no comércio, e lá o ritmo é muito pesado. Ai vou com o trabalho ter problemas de saúde, e depois não poderei me tratar, pois não vou ganhar o suficiente para isso.

Foi possível observar, como é intenso e precário o trabalho na indústria calçadista em Vitória da Conquista. Não só essa trabalhadora, assim como a grande maioria que veio de outros setores, não aguenta o ritmo do trabalho, ou preferem esperar outro trabalho a trabalhar na indústria. Para o ex-trabalhador da zona rural que já prestou trabalho para a Dass, o mesmo afirma que:

- Não quero nunca mais trabalhar nessa indústria, prefiro carregar pedra nas costas do que trabalhar lá de novo.

É perceptível o nível de stress que esses trabalhadores acumulam devido às precárias condições de trabalho. De acordo com os questionários aplicados, 70,4% dos trabalhadores da indústria desejam deixar o emprego; afirmam que só estão realizando trabalho por falta de oportunidade devido ao desemprego.

Nesse sentido é importante destacar as inúmeras queixas dos trabalhadores, a principal é a questão das metas. Devido às metas, os trabalhadores sofrem muita pressão psicológica, em um sistema hierarquizado, onde apesar de serem coagidos a acreditarem que são colaboradores, são tratados da pior maneira possível, para que a produção seja garantida, sendo destratados, tomando advertência, tendo desconto em seu salário, e com riscos de serem demitidos com “justa causa”. Além disso, muitos relataram se sentir mal, não apenas pela pressão psicológica, mas por conta do barulho das máquinas, da poeira, e do mau cheiro da borracha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o processo de industrialização na cidade de Vitória da Conquista e a precarização do trabalho nas fábricas de calçados, com o foco na indústria DASS. Foi possível observar que a vida da indústria está atrelada ao processo global de descentralização das indústrias de regiões e países centrais frente aos efeitos da crise estrutural do capital.

No Brasil esta realidade está representada com a intensa migração de várias indústrias (a exemplo, a dos setores de calçados) que se deslocam, sobretudo, do sul e sudeste do país para os estados do Nordeste, se beneficiando da força de trabalho barata e incentivos fiscais concedidos por parte dos estados a partir de suas políticas de “desenvolvimento”.

Observa-se que as relações de trabalho realizadas na indústria de calçado analisada são representadas pela intensificação do processo de precarização. Os trabalhadores se submetem as piores condições de trabalho, tornando mais flexível, multifuncional; característica das relações de trabalho do capitalismo contemporâneo que, em plena crise estrutural, aumentou os níveis de exploração acompanhados de uma precariedade do trabalho cada vez mais acentuada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miriam. **Indústria, Trabalho e memória do espaço de moradia em Vitória da Conquista – BA**. Anais do VI colóquio do museu pedagógico/UESB. Vitória da Conquista, 2013.

ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª. Ed. Londrina: Práxis, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a negação e afirmação do trabalho. 2ª Ed. Boitempo. São Paulo, 2009.

FERRAZ, A. E. de Q. **O urbano em construção – Vitória da Conquista**: um retrato de duas décadas. Ed. UESB. Vitória da Conquista, 2001.

MENDONÇA, Valéria. **As contradições entre o processo de espacialização da produção industrial e a exploração dos trabalhadores nos espaços periféricos**. Vitória da Conquista, BA, 2010.

PMVC (Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista). **História**. 2014. Disponível em: <<http://www.pmvc.ba.gov.br/v2/historia>>, acesso em 12 de out. de 2014. Roteiro atualizado para acompanhamento crítico da conjuntura.1993.

SANTOS, R. e REIS, T. **Indústrias e espaço urbano em Vitória da Conquista – BA**. Vitória da Conquista, BA, 2012.

SOUSA, Suzane Tosta. **Da negação ao discurso “hegemônico” do capital à atualidade da luta de classes no campo brasileiro**: camponeses em luta pelo/no território no Sudoeste da Bahia. Tese de Doutorado. NPGeo/UFS. São Cristóvão, 2008.

SOUZA, Dayse Maria. **Do chão da terra ao chão da fábrica**: as formas contraditórias da apropriação do capital no espaço agrário. Dissertação de Mestrado. NPGeo/UFS. São Cristóvão, 2011.